



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

RENATA KELLY OLIVEIRA SAMPAIO

**ATUAÇÃO INCLUSIVA DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR: ANÁLISE ACERCA
DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

FORTALEZA

2019

RENATA KELLY OLIVEIRA SAMPAIO

ATUAÇÃO INCLUSIVA DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR: ANÁLISE ACERCA DO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S186a Sampaio, Renata Kelly Oliveira.
ATUAÇÃO INCLUSIVA DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR : ANÁLISE ACERCA DO TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA / Renata Kelly Oliveira Sampaio. – 2019.
58 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. TEA. 3. Autismo. 4. Biblioteca Inclusiva. 5. Tecnologia Assistiva.
I. Título.

CDD 020

RENATA KELLY OLIVEIRA SAMPAIO

ATUAÇÃO INCLUSIVA DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR: ANÁLISE ACERCA DO
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bibliotecária Ma. Joana D'Arc Páscoa Bezerra Fernandes
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao Deus trino, por sua infinita misericórdia e graça, fonte de perdão e salvação.

Aos meus pais, exemplo de amor, companheirismo e perseverança. Que Cristo seja o elo da união de vocês.

Aos meus avós, por toda dedicação e sabedoria. Em especial ao meu avô (*in memoriam*) homem valoroso, honrou a Deus, a farda da nossa nação e, a nossa família até o seu último suspiro. Seu exemplo me inspira.

À minha família e a igreja (Igreja Batista Graça Soberana), tesouros dos quais me orgulho.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus trino, por não desistir de mim. Pela capacitação dada por Ele para concluir essa etapa da vida acadêmica. Minha fonte de vida e inspiração!

À minha família pelo apoio e compreensão. Obrigada pela presença cotidiana, pelos momentos de comunhão, e dificuldades superadas. Deus foi exagerado em graça por ter me dado a família que tenho. Ao meu pai, grande herói, meu exemplo de homem, seu caráter é louvável; à minha mãe, mulher virtuosa, sua dedicação, cuidado e afeto são lembretes diários da graça de Deus. Aos meus irmãos, sem vocês eu não seria a mesma, é uma honra tê-los em minha vida, pessoas honradas e trabalhadoras. Não cabe em palavras o grande legado que vocês estão construindo.

À minha orientadora, Profa. Gabriela Farias, pela competência, sensibilidade e sabedoria. Obrigada pelo desafio aceito, por cada orientação, indicação de material, profundidade em suas colocações e incentivo. Sou grata por sua disponibilidade (presencialmente, por e-mail e nas redes sociais). Por toda organização e perseverança durante todo o processo da construção desse trabalho. Sua simplicidade é cativante. Deus me presenteou com a sua vida.

À banca examinadora, Giovanna Guedes, Joana D'Arc e Cyntia Chaves, pela disponibilidade imediata, pelo tempo dedicado a leitura deste trabalho e, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos profissionais que tive o privilégio de conhecer e receber influência no exercício da profissão, Anésia Bayma, Elisabeth Maia, Jamille Teixeira, Ewerly Magna, Katiúscia Dias, Mariana Maciel, Joelia Uchoa, Rayara Barreto, Kadja Nascimento e Levi Costa.

À todos os professores, servidores e, terceirizados do Departamento de Ciências da Informação, em especial à secretária Fábiana Nascimento pela qualidade do seu serviço e atendimento.

À todos os colegas de turma, principalmente a Érica Santana, Lívia Costa, Emanuella Farias e Debora Xavier, pela parceria nos trabalhos em grupo desde o 1º semestre, nos congressos estudantis, viagens e boas conversas.

Às amigas Flavianne Rodrigues e Priscylianna Cássia (o que seria de Frodo sem Sam? rs). À Bruna Marques e Kelly Garcia, pelo retoque final neste trabalho no português e inglês. A providência de Deus trouxe cada uma de vocês para junto de mim.

À Universidade Federal do Ceará. Soli Deo Glória!

É como nas grandes histórias, Sr. Frodo, as realmente importantes. Eram cheias de perigo e de escuridão. E, às vezes, não queria nem saber o final... Porque como o fim poderia ser feliz? Como o mundo poderia voltar a ser o que sempre foi quando tanta coisa ruim aconteceu? Mas no final, essa sombra vai passar, com certeza! Até mesmo a escuridão acabará. Um novo dia virá. E quando o sol nascer, ele brilhará ainda mais. Essas eram as histórias que ficavam com a gente. Que significavam alguma coisa, mesmo quando era pequeno demais pra entender o porquê. Mas eu acho, Sr. Frodo, que eu entendo... Agora eu já sei! As pessoas daquelas histórias tiveram muitas chances pra desistir, mas não desistiram. Elas foram em frente, porque estavam se agarrando a alguma coisa. – A que estamos nos agarrando, Sam? Que há algo de bom neste mundo, Sr. Frodo, e que vale a pena lutar! O Senhor dos Anéis

RESUMO

O crescimento vertiginoso de pessoas autistas traz desafios para a sociedade como um todo e, a Biblioteca Escolar não poderia se eximir de tais responsabilidades. Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) apontam que nos EUA a prevalência é, para cada 59 crianças, uma é autista. No Brasil, foi sancionada em Julho de 2019, pelo Presidente da República a Lei 13.861/2019 que inclui dados específicos sobre o autismo no Censo 2020. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão responsável por fazer o levantamento do censo, quando então, teremos pela primeira vez no nosso país uma pesquisa voltada para este público. Este trabalho tem como objetivo verificar o que a Biblioteconomia vem produzindo sobre o autismo especificamente em Bibliotecas Escolares e, quais ações poderiam ser propostas para a inclusão destes alunos. O percurso metodológico utilizado foi a revisão sistemática da literatura na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e, para a análise dos dados fizemos uso do método da análise temática. Os resultados apontaram uma carência de publicações sobre autismo na Biblioteconomia, o que podemos constatar que a inclusão desses alunos é um campo riquíssimo e desafiador para ser mais investigado. As tecnologias assistivas, recursos lúdicos e a educação continuada do Bibliotecário são grandes aliadas para uma Biblioteca inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. TEA. Autismo. Biblioteca Inclusiva. Tecnologia Assistiva.

ABSTRACT

The vertiginous growth of autistic people challenges the society as a whole, and the School Library could not escape such responsibilities. Data from the Centers for Disease Control and Prevention (CDC) determined that in the US, approximately 1 in 59 children is diagnosed with an autism spectrum disorder. In Brazil, it was approved, in July from 2019, by the President of the Republic, the Law 13.861 / 2019 that includes specific data on autism in the 2020 Census. The Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) is the agency responsible for making the census data collection, thus, we will have for the first time in our country a research aimed for this audience. This research aims to verify what Library Science has been producing about autism specifically in School Libraries and what actions could be proposed for the inclusion of these students. The methodological approach used was a systematic literature review in the Information Science Database (BRAPCI) and for the data analysis we made use of the thematic analysis method. The results indicated a lack of publications on autism in the library science, which proves that the inclusion of these students is a very rich and challenging field to be further investigated. The Librarian's assistive technologies, playful resources, and continued education are great allies for an inclusive Library.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. ASD. Autism. Inclusive Library. Assistive Technology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alguns Sinais de Autismo	21
Figura 2 – Por dentro do Autismo.....	28
Figura 3 – Direito dos Autistas Lei 12.764/2012.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados por Área do Conhecimento.....	44
Gráfico 2 – Publicações por Periódicos.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características Clínicas do Autismo Infantil	19
Quadro 2 – Características e Sintomas do TEA	24
Quadro 3 – Níveis do TEA	26
Quadro 4 – Levantamento de dados.....	37
Quadro 5 – Primeira publicação sobre Autismo na BRAPCI	40
Quadro 6 – Propostas Inclusivas.....	41
Quadro 7 – Aplicativos para pessoas com TEA.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de artigos publicados na BRAPCI sobre a temática pesquisada.....	40
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TEA	Transtorno do Espectro Autista
OMS	Organização Mundial da Saúde
CDC	Centro de Controle e Prevenção de Doenças
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AFF	Autismo de Alto Funcionamento
NSAC	National Society for Autistic Children
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
CID	Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos
IFLA	Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições
BE	Biblioteca Escolar
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
CDU	Classificação Decimal Universal
CDD	Classificação Decimal de Dewey
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
RBBD	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	NEURODIVERSIDADE E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	19
2.1	CONCEITUANDO O AUTISMO	22
3	A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO...	29
3.1	A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ENQUANTO EDUCADOR NA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	33
4	METODOLOGIA	36
5	ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	40
5.1	BIBLIOTECA INCLUSIVA: PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES	46
6	CONCLUSÃO	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) vem sendo objeto de pesquisa há décadas, como veremos na seção seguinte. A área da saúde, mais especificamente, a psiquiatria, de forma pioneira vem se debruçando sobre este fenômeno com o objetivo de apresentar soluções, encontrar respostas e, realizar uma intervenção precoce com a finalidade de evitar ao máximo o comprometimento significativo do paciente. Com a sua etiologia ainda não identificada, o TEA vem crescendo de forma considerável. A prevalência mundial, de acordo a Organização Mundial da Saúde - OMS é de que, para cada 160 crianças, uma, está dentro do Transtorno do Espectro Autista.

De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) a estimativa em 2004 sobre o autismo nos Estados Unidos era, em cada 166 crianças, uma nasceria dentro do espectro; com a crescente anual de casos, hoje, a prevalência de crianças dentro do espectro autista nos Estados Unidos é, em cada 59 crianças, uma está dentro do espectro autista. No Brasil, o Censo Populacional Brasileiro é realizado a cada 10 anos e, após ser sancionada pelo Presidente da República, a Lei 13.862/2019, pela primeira vez no país, o autismo estará dentro do Censo de 2020. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão responsável pela pesquisa.

A complexidade do Transtorno do Espectro Autista, em seus níveis de comprometimento na linguagem funcional e, deficiência intelectual, requer cuidados multiprofissionais. O diagnóstico é feito pelo psiquiatra infantil ou neuropediatra, no caso das crianças. Quanto mais cedo buscar orientação médica, melhor. O diagnóstico precoce é o mais recomendado.

As três principais indicações comportamentais que caracterizam o TEA é o comprometimento na comunicação, na interação social e atividades restritas e estereotipadas (CUNHA, 2016. p.23). O Transtorno do Espectro Autista não é uma doença, como o próprio nome diz, é um espectro, logo, não é possível generalizar e afirmar que “todo autista é assim” ou ainda, fazer uso de medicamentos para “ser curado”. O autismo é uma condição neurológica, a nomenclatura de anormalidade ou a negativa de “ele não é normal” não se aplica, autistas são neurologicamente atípicos, as pessoas que não estão dentro do espectro são típicas. Para fins protetivos, o TEA é amparado pela Lei dos deficientes nº 12.764/12 artigos 1 e 2 ou, como ficou conhecida “Lei Berenice Piana”. Essa mesma Lei, no Art.7º torna passível de punição gestores escolares ou autoridades competentes que recusarem a matrícula na escola de pessoas

deficientes ou com transtorno do espectro autista. A Biblioteca, como parte integrante da escola, deve ter iniciativas inclusivas de alunos autistas e de todos os outros, cada um dentro da sua particularidade compõe o todo que é a Escola.

A Biblioteca é um espaço fundamental na escola, se, em alguma época ela serviu como depósito de livros ou guarda volumes, essa não é a realidade da Biblioteca no século XXI. A configuração da Biblioteca não corresponde à passividade, aos serviços básicos (e necessários) de empréstimo e devolução de livros. Ela é um ser vivo, instrumento de inserção e modificação da realidade de todos que por ela são influenciados. Os usuários são atraídos pelas inúmeras possibilidades de projetos, encantamento literário, serviço personalizado identificando a preferência literária do usuário.

O discurso assertivo de Ranganathan em (1931)¹ ecoa ainda hoje, a Biblioteca deve buscar ativamente conhecer seu usuário e prestar o melhor serviço possível, oferecendo um espaço físico acolhedor e acessível, acervo atualizado, equipamentos modernos, projetos culturais dentre outras ações, pois, se o livro é o passaporte para viagens incríveis, logo, a Biblioteca deveria ser o paraíso. Ainda que essa descrição ideal de Biblioteca não seja a realidade de muitas, o Bibliotecário entra como profissional diferenciado fazendo o seu melhor mesmo em locais inóspitos.

De um lado, a Lei para deficientes e autistas afirma que eles têm por direito o acesso à escola; do outro lado, a Lei nº 12.244/2010 atesta que até 2020 todas as escolas deveriam ter Bibliotecas e Bibliotecários. Logo, o Bibliotecário, o deficiente e o autista estarão no mesmo lugar: a Escola. O Bibliotecário Escolar, enquanto educador, tem a grande missão de tentar incluir esses alunos na Biblioteca. O desafio de se reinventar e buscar estratégias que alcance esse público, é complexo a depender do nível do diagnóstico.

As questões propulsoras que surgiram sobre o desafio colocado acima foram: O que a Biblioteconomia vem produzindo na literatura científica sobre a inclusão de alunos autistas nas Bibliotecas Escolares? Existe alguma ação prática apontada? Os desafios e reflexões elencados acima nos encorajaram a nos debruçarmos sobre esta temática.

As justificativas para essa pesquisa residem em três razões, são elas: científico, social e pessoal. No âmbito científico a temática da inclusão de autistas na Biblioteca

¹ Book: The Five Laws of Library Science

Escolar ainda é um campo pouco explorado, pretensiosamente sentimos a necessidade de explorar, investigar possibilidades e contribuir de alguma forma para abordar esse assunto tão pertinente e com uma demanda crescente. No aspecto social sempre houve interesse por “dar” um retorno àqueles que nos mantêm dentro dessa Universidade, em consonância com um dos tripés universitários, a extensão. Essa temática está bem presente no nosso país, é importante ter algumas ferramentas para inclusão desses alunos na escola.

Por último, mas não menos legítimo, a motivação pessoal se deu pela experiência prática com alunos autistas em uma Biblioteca Escolar. Até então, o desconhecimento sobre as estereotípias apresentadas, crises, emoções inapropriadas, ecolalias, retraimento autístico e hiperfoco geravam curiosidades. Estudando o universo autista, participando de conferências, eventos das associações de pais nos dá a certeza do quão necessário é investigar mais fundo sobre o assunto. Sem essa experiência, possivelmente, essa pesquisa não teria sido possível.

Nesta pesquisa delineamos o **objetivo geral** em: analisar a literatura científica voltada às ações de inclusão na Biblioteca Escolar como também o transtorno do espectro autista (TEA), visando identificar as possibilidades de atuação bibliotecária. Os **objetivos específicos** são: a) identificar ações inclusivas em ambientes educacionais ao aluno com TEA; b) descrever o papel da Biblioteca Escolar na inclusão educacional; c) Caracterizar a atuação e formação do Bibliotecário no aspecto da inclusão; d) Propor práticas de atuação bibliotecária voltado para alunos com TEA.

Dividimos essa pesquisa em 6 seções, sendo eles: Introdução - onde apresentamos um breve panorama do assunto desta pesquisa, colocamos a justificativa, e os objetivos geral e específico; Neurodiversidade e Transtorno do Espectro Autista - discorremos sobre o autismo, histórico, primeiras pesquisas, leis que regem o universo autista; A Biblioteca Escolar como ferramenta de inclusão e sua importância e atuação do Bibliotecário; Metodologia - expomos nosso percurso metodológico de forma detalhada; Análise dos dados e discussões dos resultados encontrados - propostas de intervenções onde expomos algumas propostas para inclusão de alunos na Biblioteca Escolar. Conclusão - traz os apontamentos finais dos dados encontrados.

2 NEURODIVERSIDADE E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), vem sendo cerne de pesquisas desde o século XIX. Entretanto, somente em 1911 o psiquiatra suíço Eugen Bleuler veio a usar, de forma incipiente e generalista, o termo autismo “para descrever a fuga da realidade e o retraimento para o mundo interior dos pacientes adultos acometidos de esquizofrenia” (FERRARI, 2007, p.5). Já em 1943, o psiquiatra norte-americano Leo Kanner publicou um artigo tornando pública uma pesquisa feita com onze crianças entre dois anos e meio a oito anos de idade.

Nesse artigo, Kanner diagnosticou o autismo infantil precoce, distinguindo assim, a esquizofrenia infantil do autismo infantil. Kanner pontuou características clínicas pertinentes para o diagnóstico, tais quais:

Quadro 1 - Características Clínicas do Autismo Infantil

CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS	EXEMPLOS
Retraimento autístico	Introspecção exacerbada, pouca ou quase nenhuma interação.
Necessidade de imutabilidade	Apego excessivo a rotina demonstrando irritabilidade atípica quando necessária alteração.
Esteriotipias	Movimento corporal repetido ao longo do dia podendo ser os dedos diante dos olhos, mãos batendo asas, dentre outros.
Distúrbios da linguagem	Inversão do pronome pessoal utilizando a 2ª ou 3ª pessoa para referir a si; repetição ecológica, em momentos variados do dia a criança reproduz alguma fala de um filme, desenho animado ou outra pessoa imitando inclusive a tonalidade vocal; idiosincrasia ²
Inteligência	Na pesquisa de E.R. Ritvo e B.J. Freemann, o quociente intelectual (QI) das crianças se distribuía do seguinte modo: para a maioria delas, era inferior a 50; para um quarto, entre 50 e 70; e para outro Restante, acima de 70. O caso de adulto autista com desempenho intelectual extraordinário, retratado no filme <i>Rain Man</i> , permanece. Portanto, desse ponto de vista, muito raro.
Desenvolvimento físico	Em sua maioria, permanecem com o desenvolvimento físico sem comprometimento, alguns.

Fonte: dados adaptados de FERRARI, 2007, p.5

Essas seis características observadas pelo psiquiatra Kanner, são levadas em

² Idiossincrásico é um adjetivo que se refere a maneira de ver, de sentir e de reagir, própria de cada pessoa

consideração ainda hoje, como parâmetro para diagnosticar clinicamente pessoas dentro do espectro autista. Como se trata de um espectro, possivelmente, essas características podem variar de caso a caso. Mas, de modo geral, as pessoas com TEA apresentam déficit na interação social, chegando ao isolamento social nos casos mais severos; o apego à rotina, principalmente na infância, também é uma característica observada; as estereotípias são movimentos corporais repetitivos que cumprem, em alguns casos, a função de regulação de ideias ou ajuste a situações que podem gerar crise emocional, resultando em autoagressões ou agressões a terceiros. Já em outros casos, pode cumprir a função de representar uma grande alegria. O escritor, também autor do canal no *YouTube* “Diário de um autista”, Marcos Petry, é um autista adulto e explica que a estereotípias também funciona como uma espécie de memória dos momentos alegres de sua vida e, sua principal função é reorganizar os pensamentos e emoções. A estereotípias mais comum é o *flapping*, que são os movimentos de balançar as mãos, e o *rocking*, onde se move o tronco para a frente e para trás.

Distúrbios na fala e apraxia da fala também estão associados ao TEA. Na apraxia da fala a criança tem a ideia do que quer falar, mas não consegue se expressar. Alguns utilizam o pronome pessoal na segunda ou terceira pessoa para se referir a si. Outra alteração marcante dentro do espectro é a ecolalia, repetição fora do contexto das falas e sons de desenhos, filmes e frases de modo geral, que vem frequentemente acompanhada da idiossincrasia, maneira peculiar de sentir, ver e perceber as situações.

Durante algum tempo, existiu o mito de que pessoas autistas eram superdotadas, geniais e extremamente habilidosas. No entanto, hoje sabemos que a porcentagem de autistas de alto funcionamento é mínima. Quanto ao desenvolvimento físico, alguns têm déficits motores, chegando a se locomover com bastante dificuldade.

Destacamos a necessidade dos profissionais e da sociedade observar e identificar os sinais de pessoas e principalmente das crianças que possuem o espectro autista, pois quanto mais cedo observado e diagnosticado melhor será a convivência na sociedade. Abaixo segue a imagem de alguns sinais de autismo.

Conforme observado na figura abaixo, observamos alguns sinais do autismo que podem ser identificados ainda na infância, como por exemplo: dificuldade em interagir com outras crianças; utiliza o brinquedo de forma não convencional; podem apresentar sensibilidade a alguns sons, choros ou risadas fora do contexto; ausência ou atraso na fala; apego à rotina e a objetos diferentes dentre outros.

Figura 1- Alguns Sinais de Autismo



Fonte: Site Síndrome de Asperger

Alguns desses sinais foram identificados pela pesquisa de Kanner, Hans Asperger, também psiquiatra, pesquisava em Viena, na Áustria, uma síndrome correlacionada com o autismo, o que ficou conhecida como Síndrome de *Asperger* e durante algum tempo ficou conhecido como Autismo de Alto Funcionamento (AAF)³ (SURIAN, 2010).

Entre as décadas de 50 e 60 do século XX, surgiram várias hipóteses para a etiologia do autismo. A mais comum da época, inaceitável hoje entre estudiosos e pesquisadores sobre o assunto, era a hipótese da ‘mãe geladeira’. O austríaco Bruno Bettelheim em sua obra “A fortaleza vazia”, 1967, associa o autismo a uma resposta comportamental da criança à frieza afetiva dos pais.

Atualmente, os fatores etiológicos associados por pesquisadores médicos envolvem

3 Até o DSM IV classificava-se vários tipos de autismos, na atualização do DSM V, entenderam que o Autismo é bem mais amplo, portanto, é um espectro com inúmeras peculiaridades. A partir de então, todos os Autismos foram incorporados dentro do TEA. O Alto Funcionamento diz respeito a altas habilidades que o indivíduo dentro do TEA desempenha, sendo elas acima da média dos demais autistas. Por exemplo, o Dr. Shaun Murphy, interpretado pelo ator Freddie Highmore, na série *The Good Doctor* é um autista com savantismo. Fonte: DSM V, 2014. p.53

questões genéticas, neurológicas e alimentares. Ainda na década de 60, o psicólogo e, também pai de um autista, Bernard Rimland definiu o autismo como um distúrbio majoritariamente neurológico desmistificando assim a ideia de culpabilizar os pais. O cerne da sua pesquisa culminou na criação da Sociedade Nacional para Pais e Familiares de Autistas (National Society for Autistic Children – NSAC) em 1965.

Hoje, é possível encontrarmos várias associações, além de fóruns nas redes sociais e canais no *YouTube* para compartilhar informações e experiências e dessa forma se fortalecerem mutuamente nas suas dificuldades com o TEA.

2.1 CONCEITUANDO O AUTISMO

O termo de origem Grega *αὐτός*, significa “de si mesmo”, foi utilizado pela primeira vez de maneira generalizada pelo psiquiatra Bleuer (1911). O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição (2014) - DSM 5 define autismo como sendo:

[...] O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Considerando que os sintomas mudam com o desenvolvimento, podendo ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser preenchidos com base em informações retrospectivas, embora a apresentação atual deva causar prejuízo significativo. (DSM 5, 2014. p. 32 e 33).

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais é um documento publicado pela Associação Psiquiátrica Americana em que os médicos habilitados para diagnosticarem uma criança com TEA, por exemplo, recorrem para buscar orientação. É uma espécie de Classificação Decimal de Dewey ou Classificação Decimal Universal, voltado para a Medicina. Nele encontramos a caracterização das síndromes ou transtornos, critério para diagnóstico, procedimento para registros especificadores dentre outros. A edição vigente é a quinta. Com uma pesquisa entre as edições anteriores, é possível notar avanços significativos para diagnósticos e caracterizações do autismo. Por exemplo, No DSM 1 era inexistente a presença do autismo, as crianças afetadas por esta patologia era diagnosticada com reação Esquizofrenia Infantil; em 1980, no DSM 2 o autismo foi incluído; entretanto, somente na terceira edição do DSM, em 1987, o autismo recebe o nome de Transtorno Autista; já

em 1994, o DSM IV recebe a nomenclatura de Transtorno Global do Desenvolvimento e recebe cinco divisões, são elas: Transtorno Autista; Transtorno de Asperger; Transtorno de Rett; Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Global do Desenvolvimento.

Em sua quinta edição (usada neste trabalho), o autismo está dentro dos transtornos do neurodesenvolvimento, portanto, as cinco categorias passam agora a integrar o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O termo espectro vem a ser integrado com a finalidade de incluir os diferentes níveis de comprometimento e gravidade.

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger. DSM 5, 2014. p.53

Outro documento que norteia os profissionais habilitados para investigarem/diagnosticarem o autismo é a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamentos (CID)⁴ pode ser comparado dentro da Biblioteconomia com a Tabela de Cutter, a classificação do autismo é F84 Transtornos invasivos do desenvolvimento. É possível encontrar na CID 10 um resumo em separado para cada síndrome que integra a classificação F84:

Esse grupo de transtornos é caracterizado por anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas e em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Essas anormalidades qualitativas são um aspecto invasivo do funcionamento do indivíduo em todas as situações, embora possam variar em grau. Na maioria dos casos, o desenvolvimento é anormal desde a infância e, com apenas poucas exceções, as condições se manifestam nos primeiros 5 anos de vida. É usual, mas não invariável, haver algum grau de comprometimento cognitivo, mas os transtornos são definidos em termos de comportamento que é desviado à idade mental. CID 10, 1993. p.247

⁴ A OMS, apresentou este ano a versão atualizada da CID. Pela primeira vez ela será completamente eletrônica. A CID 11 está prevista para vigorar a partir do dia 1º de janeiro de 2022. A CID 10 classificava vários diagnósticos dentro dos Transtornos Globais de Desenvolvimento – F84, agora, será classificado tudo dentro do TEA observando se há prejuízos na linguagem funcional e deficiência intelectual ou não. Fonte: Site da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O TEA apresenta os primeiros sintomas ainda na primeira infância entre 12 a 24 meses, por ser um espectro, os sintomas não são iguais para todos, existem as comorbidades que alguns desenvolvem alterando assim o nível de intensidade das crises, bem como do tratamento. Em linhas gerais as principais características são:

Quadro 2 – Características e Sintomas do TEA

CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS
Compartilhamento reduzido de interesses	É comum pessoas que estejam dentro do TEA terem interesses restritos, por exemplo: crianças que gostam de dinossauros e todas as conversas giram em torno desse assunto.
Poderá desenvolver ou não a fala	Alguns autistas têm a comunicação oral comprometida e não desenvolvem a fala. Sendo alguns verbais e outros não verbais.
Dificuldade em interagir com outras pessoas	O déficit na comunicação acarreta dificuldade nas relações interpessoais, alguns autistas preferem o isolamento social quando não são estimulados corretamente.
Ecolalia	Reprodução de forma automática de frases, vídeos ou, até mesmo, filmes inteiros inclusive com a mesma entonação vocal.
Frases idiossincráticas	Para uma comunicação efetiva mínima faz-se necessário um emissor, receptor e a mensagem. A idiossincrasia é mensagem fora de contexto, frases soltas durante um diálogo sem conexões.
Fascinação visual por luzes ou movimentos	É possível alguns autistas desenvolverem interesse por ventilador, luz, ou algum movimento específico de algum brinquedo etc.
Transtorno do Desenvolvimento Intelectual	O indivíduo com TEA pode desenvolver outros quadros clínicos, o que é chamado de comorbidades, e o TDI é um deles. O comprometimento intelectual pode ser comprometido.
Ausência de brincadeiras típicas	Para uma criança típica (fora do espectro autista) um carrinho de brinquedo cumpre a função de andar sobre as rodas, uma criança atípica (ou seja, dentro do espectro) pode gostar de brincar apenas com a rodinha do carro.
“Olhar perdido”	Antes mesmo de um ano de idade podem ser observados em alguns casos, crianças que não olham para a mãe durante a amamentação ou, ao longo do dia, a criança tem dificuldade em fixar o olhar no outro.
Insônia	É comum algumas pessoas dentro do TEA sentirem dificuldades para dormir sendo necessário serem tratados com medicamentos, com orientação médica.
Sensibilidade sensorial	A hipersensibilidade ou hiposensibilidade pode ser manifesta no contato com pessoas, tipos de tecidos, água no corpo, sons, dentre outros.
Apego excessivo a rotinas	Dificuldade em cumprir demandas fora da sua rotina diária, podendo gerar crise e estresse.

Estereotipias	Movimentos repetitivos que podem ter a função autorregulatória do indivíduo. Os mais comuns são o corpo para frente e para trás, balançar as mãos, girar objetos, girar em torno de si.
Alguns podem desenvolver altas habilidades	O hiperfoco é uma característica bem presente em autistas. Com isso, alguns conseguem se destacar com excelentes resultados dentro das suas habilidades.
Seletividade Alimentar	Alguns autistas têm dificuldades em inserir novos alimentos devido à textura, sabor, cor, formato e cheiro dos mesmos.

Fonte: Adaptado a partir das informações de GAIATO & TEIXEIRA, 2018. p.13-33

Conforme apresentado no quadro acima existem algumas características comportamentais e cognitivas que podem ser observadas pela família, amigos, professores e tantos outros profissionais. Ainda na infância, crianças abaixo de três anos de idade evidenciam alguns sinais que podem indicar o TEA como dificuldade em olhar para a mãe durante a amamentação, déficit em balbuciar as primeiras palavras ou sons, e ainda segundo o DSM V:

Os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (p. ex., puxar as pessoas pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para elas) padrões estranhos de brincadeiras (p. ex., carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles), e padrões incomuns de comunicação (p. ex., conhecer o alfabeto, mas não responder ao próprio nome). DSM V, 2014 p.56

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista é clínico. Os profissionais comumente indicados são psiquiatras, neurologistas e neuropediatras. Exames por imagem, sangue e tomografia não são necessários para diagnosticar, salvo em casos onde o médico necessite certificar-se de que o paciente pode desenvolver outras patologias clínicas, ou até mesmo quadros de comorbidades dentro do espectro, isso ocorre quando o paciente desenvolve condição médica além do TEA. (GAIATO; TEIXEIRA, 2018 p.35). O DSM V estabelece pelo menos cinco critérios para diagnosticar uma pessoa dentro do espectro sendo eles:

- A)** Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos;
- B)** Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades;
- C)** Os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento (mas podem não se tornar plenamente manifestos até que as demandas sociais excedam as capacidades limitadas ou podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida).
- D)** Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo no

presente.

E) Essas perturbações não são mais bem explicadas por deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) ou por atraso global do desenvolvimento. Deficiência intelectual ou transtorno do espectro autista costumam ser comórbidos; para fazer o diagnóstico da comorbidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento. (DSM V, 2014. p. 50 e 51).

Os critérios elencados acima são levados em consideração para chegar ao diagnóstico do autismo. Ainda de acordo com o DSM V, existem três níveis do TEA: Nível 1; Nível 2 e Nível 3; ou como popularmente é conhecido: Leve, Moderado e Severo:

Quadro 3 - Níveis do TEA

NÍVEL	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS RESTRITOS E REPETITIVOS
SEVERO	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
MODERADO	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
LEVE	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

	comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	
--	--	--

Fonte: DSM V, (2014 p.52)

O quadro 3 classifica o autismo em três níveis diferentemente das edições anteriores, o DSM V classificou todos os tipos de autismo dentro do espectro, categorizando-os em níveis de comprometimento ou dependência para desenvolver atividades da vida comum (alimentação, cuidados básicos, estudo, trabalho, lazer). Essa categorização reconhece o transtorno em três níveis, sendo eles: nível 1, 2 e 3, onde o nível 1 seria o estágio leve, o nível 2, o moderado e o nível 3 o severo.

O apego à rotina entre o leve o moderado é bem acentuado, bem como déficits na comunicação também. O indivíduo no grau moderado apresenta fala verbalizada com frases simples, estranhas e de difícil compreensão. O nível 3 que é o autismo severo, pode não desenvolver a fala verbalizada, é dependente para atividades do dia a dia e tem forte apego a rotinas.

De acordo com o DSM V, a prevalência de diagnósticos de pessoas com TEA vem aumentando em vários países, mas ainda não encontraram causas empiricamente comprovadas para os dados apontados. Porém, é possível observar que o TEA é quatro vezes mais frequentemente diagnosticado no sexo masculino. Uma pesquisa publicada em 2018 pelo *Center for Disease Control and Prevention* (Centro de Controle e Prevenção de Doenças - CDC) revelou que a incidência de crianças dentro do espectro autista nos Estados Unidos é de cerca de 1 em cada 59⁵. (GAIATO & TEIXEIRA, 2018. p. 17)

⁵ A Organização Mundial da Saúde divulgou em 2017 a estimativa de que, para cada 160 crianças, uma, está dentro do Transtorno do Espectro Austista. Esse dado aponta para um crescimento mundial do TEA.

Figura 2 – Por dentro do Autismo



Fonte: Site Saúde Abril: os diferentes olhares sobre o Autismo.

Como observado na figura 2 o autismo está cada vez mais presente em nossa sociedade, suas principais características são déficits na comunicação e na interação social onde a pessoa autista apresenta comportamento atípico com movimentos repetitivos e estereotipados. A incidência maior está sobre os meninos e, os primeiros sintomas podem ser observados ainda na infância, nos primeiros meses de vida.

Os fatores que também vem sendo observados para as causas do autismo são: idade parental avançada, baixo peso ao nascer, exposição fetal a ácido valproico, fatores genéticos e fisiológicos, mutação genética, taxas de concordância entre gêmeos e outras causas. Ainda de acordo com a OMS, a hipótese de relacionar o TEA a fatores que envolvem as vacinas contra sarampo, caxumba e rubéola foram descartadas, pois os estudos apresentaram falhas metodológicas. Desse modo, as pesquisas para identificar as causas do Transtorno do Espectro Autista seguem em análises.

3 A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

A Escola é um dos primeiros ambientes educativos da maioria dos brasileiros. Nela, encontramos inúmeras possibilidades de agregar pessoas diferentes em suas mais diversas peculiaridades, que variam desde a situação social, regional, religiosa até a física, mental, dentre outras. A Biblioteca deve ser um ambiente acolhedor, que forneça informação segura, serviços informacionais de qualidade, de fácil acesso, e ainda comprometida com o público ao qual ela destina-se a servir, buscando sempre estar inteirada da tecnologia, além de zelar pelo patrimônio cultural de sua responsabilidade. A Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições (IFLA) define Biblioteca Escolar (BE) como sendo:

[...] A Biblioteca Escolar é um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural. Este lugar físico e digital é designado por vários termos (por exemplo, centro de mídia, centro de documentação e informação, Biblioteca/ centro de recursos, Biblioteca/ centro de aprendizagem), mas Biblioteca Escolar é o termo mais utilizado e aplicado às instalações e funções. (Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar, 2016 p.19, 2ª edição)

Os serviços oferecidos pela Biblioteca Escolar, bem como o acervo e as instalações físicas, devem estar acessíveis para todos os seus usuários. Com essa vasta amplitude, logo, muitos desafios também são encontrados, dentre eles, o da inclusão de pessoas com necessidades especiais. A IFLA, em parceria com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) recomenda que:

[...] Os serviços das Bibliotecas Escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e status profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da Biblioteca. O acesso às coleções e aos serviços deve orientar-se nos preceitos da Declaração Universal de Direitos e Liberdade do Homem, das Nações Unidas, e não deve estar sujeito a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais. (Diretrizes da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar, 2002, p.2)

As questões voltadas à inclusão social nas escolas é um assunto que dia após dia os profissionais da Educação se veem desafiados a abordar. É o tipo de desafio que chega até o ambiente escolar e requer observação, estudo e sensibilidade para ser

trabalhado. Nos últimos anos, as escolas brasileiras vêm recebendo um desafio singular com um público crescente, ano após ano, dos alunos com Transtorno de Espectro Autista (TEA), pois, apesar de formalmente no Brasil ainda não termos dados oficiais sobre os autistas, é possível observar a crescente deste público pela procura nas escolas, movimentos sociais em torno dessa causa e a visibilidade nas mídias sociais.

Vale ressaltar que, foi sancionada em Julho deste ano, pelo Presidente da República, a Lei 13.861/2019 que inclui dados específicos sobre o autismo no Censo 2020⁶. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão responsável por fazer o levantamento do censo, quando então, teremos pela primeira vez no nosso país uma pesquisa voltada para este público. Esses dados poderão ser úteis também para identificar as demandas escolares, nível de alfabetização e inserção desses usuários nas nossas Bibliotecas.

O indivíduo que possui o TEA veio a ter direitos garantidos a partir de 2012 na Lei nº 12.764/12 artigos 1 e 2 por meio de uma Legislação Participativa. Essa lei ganhou o nome de “Lei Berenice Piana” devido a uma mãe que, desde que recebeu o diagnóstico de seu filho, luta pelos direitos das pessoas com autismo e a partir dessa lei os direitos protetivos vieram ser garantidos judicialmente, validando a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. O Laudo Médico garante os direitos assegurados por Lei. Por isso, é importante o diagnóstico precoce, bem como os devidos tratamentos.

Apesar da comunidade autista não usar o termo “pessoa com deficiência” para pessoas com Transtorno do Espectro Autista, haja vista que o autismo não é uma doença, o TEA é uma condição neurológica comportamental, uma maneira diferente de observar, sentir e ver o mundo, porém, para efeitos protetivos, os autistas também estão contemplados na Lei No. 12.764/12 (Brasil, 2012), artigo 1º inciso “§ 2º A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais”.

⁶ Lei sancionada pelo Presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm. Acesso em 19 de jul. 2019. O Projeto de Lei 2.573/2019 que institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), e dá outras providências, também foi aprovado no Senado no dia 11/12/19 e, agora deve seguir para sanção do Presidente da República. Mais conhecida como Lei Romeo Mion, em homenagem ao filho do apresentador e escritor Marcos Mion.

Figura 3 – Direito dos Autistas Lei 12.764/2012



Fonte Site Associação Pintando o Sete Azul

Como vemos na figura 3, os autistas estão amparados pela Lei Federal 12.764/2012. Ainda de acordo com a Lei nº12.764/12 Art.7º, a criança diagnosticada dentro do espectro tem a sua vaga garantida na escola. Sendo a Biblioteca uma ambiência inserida no ambiente escolar, esse direito leva o Bibliotecário a um desafio e ao mesmo tempo, a um privilégio, já que terá que compreender e desenvolver métodos adequados para atender às necessidades informacionais das crianças e adolescentes que possuem TEA, pois se a Biblioteca é um meio de acesso ao conhecimento ainda na infância, devemos oportunizar a cada usuário um serviço com qualidade informacional e que atenda a sua especificidade.

No Brasil, embora existam inúmeras políticas, leis, decretos e instrumentos legais que defendam os direitos à educação das pessoas com deficiência, como a Constituição Federal (de 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA de 1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB de 1996), a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (decreto n. 3.298 de 1999), Plano Nacional de Educação (2001), Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as

Formas de Discriminação contra Pessoas com Deficiência (2001), Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei 13146/2015, a inclusão de crianças com deficiência continua sendo um assunto em pauta para discussões em reuniões pedagógicas como um conflito institucional pouco aceito para as escolas (ALVES; FACHIM; HILLESHEIM, 2006 *apud* WELLICHAN; LINO, 2018, p.3).

Não é incomum lermos em jornais e ouvirmos depoimentos de pais que enfrentam dificuldades em matricularem seus filhos diagnosticados com TEA nas escolas públicas e, também particulares, mesmo sendo amparados por lei vigentes em nosso país. Um dos argumentos levantados para tal negativa é a falta de vagas, falta de profissionais capacitados para atender com qualidade as necessidades apresentadas por este público, o risco que alguns autistas podem oferecer as demais crianças e o comprometimento do rendimento escolar da turma. Todos esses argumentos e outros deveriam ser motivos para buscarmos soluções inclusivas e capacitação, pois está expressamente proibido por lei a recusa de tais alunos nas escolas:

Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos. § 1.º Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo. (Lei No. 12.764/12 Brasil, 2012).

Junto a isso, surge também o desafio para o profissional Bibliotecário, uma vez que, como educador na Biblioteca Escolar, ele deve estar apto a exercer sem discriminação um serviço especializado e de qualidade também para alunos com Transtorno do Espectro Autista. Uma Biblioteca Escolar inclusiva, onde possa comportar em seu espaço físico alunos cadeirantes, com baixa visão/audição ou perda total dentre outras especificidades, requer além de dedicação, uma equipe multiprofissional para pensar a arquitetura do espaço, *design*, disposição do acervo, aparato tecnológico, formação e capacitação de pessoas etc. Tudo isso com a finalidade de tornar o conhecimento acessível a todos.

3.1 A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ENQUANTO EDUCADOR NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), estabelece diretrizes para a Biblioteca Escolar (2016), neste documento encontramos a missão, serviço, planejamento financeiro, o quadro de funcionários com as suas funções específicas, recursos físicos e digitais, programas e atividades da Biblioteca Escolar e, alguns métodos de como fazer uma avaliação coerente e eficaz da Biblioteca Escolar. Segundo a IFLA, o Bibliotecários Escolar:

[...] é responsável pelo espaço de aprendizagem físico e digital da escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o ensino e a aprendizagem. Este papel é designado por vários termos (por exemplo, Bibliotecário Escolar, especialista em mídia da Biblioteca Escolar, professor Bibliotecário, professores documentalistas), mas Bibliotecário Escolar é o termo mais comumente usado. As qualificações dos Bibliotecários Escolares variam em todo o mundo, havendo Bibliotecários com ou sem formação de professores e Bibliotecários com formação em outras especialidades de Biblioteca. (IFLA, 2016, p.30).

O Bibliotecário cumpre uma função essencial no âmbito educacional, ele não é apenas coadjuvante nesse processo, mas parte indispensável na equipe pedagógica escolar. Em seu espaço de trabalho ele consegue ir além de suas atividades técnicas e, desbravar um mundo de possibilidades. Por meio do seu imaginário, alimentado por histórias encantadoras, Bibliotecas viram castelos encantados, florestas ganham árvores falantes, materiais recicláveis ganham vida em livros artesanais e, a cada livro emprestado, um passaporte para uma longa viagem ao mundo do conhecimento.

Sua função enquanto educador na Biblioteca Escolar é desafiadora. Quando entramos no âmbito da inclusão de usuários com Transtorno do Espectro Autista, é ainda mais, pois estendemos sua responsabilidade social, onde ele deve estar a par das leis que regem e dão direcionamento para alunos com necessidades especiais. Sendo, assim, é importante que o profissional desenvolva um senso crítico, estando atento para as demandas que o cercam, e assuma um compromisso ético com seu trabalho, a sociedade e a educação escolar, entendendo sua relevância e influência.

[...] o surgimento das novas tecnologias, a necessidade de educação continuada e novas exigências do mercado, fez com que o profissional Bibliotecário com perfil tradicional cedesse seu espaço para o moderno profissional da informação, com conhecimentos que vão além das técnicas, para lidar com gerência de informação em vários suportes e com conhecimentos da realidade social, política e educacional. Esse é um grande desafio para os profissionais da informação. (Lima e Lima, 2009 *apud* MARCOLINO, M. A. R.; CASTRO FILHO, C. M, 2014, p.9):

A educação continuada é uma ótima ferramenta de atualização e capacitação, conhecer (e por que não, criarmos) novas tecnologias assistivas, como aplicativos que podem agregar conhecimento e ser ótima estratégia de inclusão. O Bibliotecário Escolar precisa estar conectado e, atualizado sempre que possível, a tecnologia deve ser nossa aliada, sabendo usá-la, agregará.

Para o Bibliotecário Escolar, é desejável ter conhecimento sobre as deficiências ou dificuldades que afetam o processo de aprendizagem e apreensão da leitura; apreço pela leitura; competências nas áreas digitais; conhecimento na literatura infantil e infanto-juvenil; técnicas para organização, planejamento e desenvolvimento de um acervo, bem como, classificação, por exemplo a Classificação Decimal Universal (CDU), a Classificação Decimal de Dewey (CDD), por cores e outras; indexação e catalogação do acervo para melhor recuperar as informações necessárias (IFLA, 2016, p.30 e 31).

Dentro do espectro autista há níveis de comprometimento no desenvolvimento intelectual e na linguagem funcional. Dessa forma, é interessante o Bibliotecário atentar, junto à coordenação pedagógica e psicológica da escola e os pais, para o diagnóstico de cada aluno dentro do espectro com a finalidade de iniciar propostas de intervenção de leitura e atividades educativas de forma lúdica, sempre que possível.

A ludicidade ajuda o aluno a desenvolver habilidade emocional, cognitiva, social e motriz. As atividades para esse objetivo podem ser contações de histórias, histórias musicadas, oficinas de pinturas, teatros com fantoche, oficinas de artesanatos com materiais diversos, livros sensoriais, áudio livros dentre outros. Os recursos disponíveis nas Bibliotecas, quando valorizados e utilizados adequadamente por seus gestores, podem contribuir diretamente com o processo de educação inclusiva de usuários com TEA. É possível e necessário utilizar a tecnologia em benefício da leitura e a ludicidade para essa inserção no mundo literário.

É de extrema importância que haja o maior número possível de profissionais dispostos a trabalharem com estratégias inclusivas, tendo em vista a situação crítica em

que nos encontramos atualmente, onde a demanda por tais usuários é real e constante nas escolas, mas, infelizmente as ações práticas ainda são restritas.

Portanto, o Bibliotecário que compreende seu nível de importância e relevância no processo de inclusão deve ter a sensibilidade de identificar nos usuários suas principais necessidades, seguindo as recomendações da segunda Lei de Raganathan “Para cada leitor, seu livro” onde é essencial:

[...] olhar cada estudante dentro do espaço escolar de forma a individualizar seus interesses e predileções para que a atividade escolar que desenvolve faça conexões com a sua vida e suas expectativas de aprendizagem. E para isto, é de extrema relevância os profissionais que atuam com esse estudante conhecerem e compreenderem as características desse transtorno para melhor saber se colocarem frente aos desafios que demandam aos que atuam diretamente com ele. Para Belizário Filho e Lowenthal (2013) é nesse espaço que esse estudante pode aprender com outras crianças, exercitar a sociabilidade por mais comprometida que seja e, finalmente, exercer um direito agora disponível a ele, o da educação. (Belizário Filho e Lowenthal *apud* Santos e Diniz, 2018, p.97).

O diálogo multidisciplinar no ambiente escolar, é uma estratégia que o Bibliotecário enquanto parte do processo educativo pode explorar. Havendo possibilidades, é interessante que o profissional de Biblioteconomia, juntamente com a equipe pedagógica e o Serviço de Orientação Educacional e Psicológica (SOEP), pensem atividades de inclusão que possam agregar os alunos com TEA e outros públicos.

A necessidade é urgente de que haja conscientização acerca desta problemática e das possíveis soluções disponíveis, assim como, inserir minimamente esses alunos na realidade em que vivem e, a partir disto, que eles desenvolvam habilidades literárias. Diante desse levantamento sobre o papel do Bibliotecário e suas atribuições, fica evidente que o profissional de Biblioteconomia se encaixa perfeitamente no perfil exigido por este processo educativo e inclusivo. O Bibliotecário não é um agente passivo com soluções técnicas para organização apenas, ele recebe como parte de suas atribuições na área educacional a incumbência de tentar incluir todos os alunos da escola no universo literário.

4 METODOLOGIA

Para a pesquisa em questão, utilizamos como percurso metodológico a revisão sistemática da literatura (BENTOS, 2012) com a finalidade de buscar por produções científicas dentro da temática do autismo e inclusão na Biblioteca Escolar. Para verificar os dados optamos pela análise temática, uma vez que buscamos congregamos o máximo de possibilidades para intervenções práticas na Biblioteca Escolar com alunos dentro do TEA. Foi feita uma revisão na literatura disponível até o momento com descritores específicos, a fim de explorar o que temos sobre a temática no campo da Biblioteconomia.

[...]envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia (revistas científicas, livros, actas de congressos, resumos, etc.) relacionada com a sua área de estudo; é, então, uma análise bibliográfica pormenorizada, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema. (BENTO, 2012 p.1)

Por se tratar de uma pesquisa específica na área da Biblioteconomia, optamos pela Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). Para isso foi realizado um levantamento da literatura acadêmica disponibilizada na referida base. Como recorte temporal, utilizamos a delimitação da própria base que abrange entre os anos 1972 a 2019. Optamos pela busca por título, palavra chave e resumo em todos os descritores escolhidos. Os descritores utilizados foram: TEA, Autismo, Transtorno do Espectro Autista, Biblioteca inclusiva “Biblioteca Escolar” nessa busca optamos por refinar a pesquisa dando ênfase às propostas de inclusão dentro da Biblioteca Escolar, para priorizar um dos termos fizemos o uso das aspas e, por último, pesquisamos o termo Tecnologia assistiva.

Usando o descritor “**TEA**” localizamos 3 artigos, sendo 2 descartados por não ter relação com a pesquisa aqui proposta e um utilizado. Buscando pelo descritor “**Autismo**” encontramos 5 artigos, porém um deles não foi utilizado, pois não havia relação com o objetivo desse trabalho, e um repetido quando buscado pelo descritor TEA, sendo assim, utilizamos três artigos. Quando a busca foi feita pelo descritor “**Transtorno do Espectro Autista**” encontramos 4 artigos, sendo um não utilizado por não estar dentro da temática pesquisada e 2 repetidos no termo de busca autismo. Pesquisando pelo descritor **Biblioteca inclusiva “Biblioteca Escolar”** encontramos 3 artigos e utilizamos os 3, apesar de um deles ser voltado para deficiente visual e baixa visão de uma universidade, ao estudá-lo encontramos propostas válidas para autistas

com comorbidade visual. Por último, buscamos pelo descritor “**Tecnologia Assistiva**”. Localizamos 28 artigos, dentre os quais, 9 foram utilizados e 19 fugiam da temática deste trabalho.

QUADRO 4 - Levantamento de Dados ⁷

BASE DE DADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - BRAPCI

QUANTITATIVO	TÍTULO	AUTOR	ANO	PALAVRA CHAVE	ÁREA DO CONHECIMENTO	PUBLICAÇÃO
DESCRITOR - TEA						
1	Reflexões sobre o currículo funcional/natural e o PECS-Adaptado no processo de inclusão do aluno com autismo	WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo	2017	Inclusão Escolar. Autismo.	EDUCAÇÃO	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
DESCRITOR - AUTISMO						
2	What a feeling: Aprender Expressões Faciais e Emoções	ORVALHO, Verónica; MIRANDA, José; SOUSA, Augusto	2009	Animação facial; Expressões faciais; Autismo; Videojogos.	CIÊNCIAS E ENGENHARIA	Revista de Ciência e Tecnologia de Informação e Comunicação. (Prisma.com - Portugal)
3 O MESMO TAMBÉM FOI ENCONTRADO NO DESCRITOR TEA	Reflexões sobre o currículo funcional/natural e o PECS-Adaptado no	WALTER, Cátia Crivelenti de	2017	Inclusão Escolar. Autismo.	EDUCAÇÃO	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
4	A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar	SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile	2018	Transtorno do Espectro Autista. Biblioteca escolar.	BIBLIOTECONOMIA	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
5	(Des)Informação em saúde: o autismo no espelho da classificação	VALLE, Fernanda; SALDANHA, Gustavo	2019	Organização do Conhecimento; Classificação; Autismo.	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

⁷ A primeira pesquisa na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) foi no dia 11 de setembro de 2019. No dia 18 de novembro de 2019 fizemos uma nova busca e, recuperamos uma publicação nova. Localizamos o artigo por título de (Des)Informação em saúde: o autismo no espelho da classificação, que foi apresentado no XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Os artigos 9 e 10 apresentam semelhanças na autoria e conteúdo, porém mantivemos os dois para fins de pesquisa por terem sido publicados em 2 periódicos diferentes, com diferentes títulos e diferentes palavras chaves.

DESCRITOR - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA						
6	Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca	SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile; FERREIRAS, Ediclea Mascarenhas	2017	Pessoa com Transtorno de Espectro Autista. Acessibilidade Informacional. Competência Informacional. Biblioteca.	BIBLIOTECONOMIA	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
7 O MESMO TAMBÉM FOI ENCONTRADO NO DESCRITOR AUTISMO	A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar	SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile	2018	Transtorno do Espectro Autista. Biblioteca escolar.	BIBLIOTECONOMIA	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
8 O MESMO TAMBÉM FOI ENCONTRADO NO DESCRITOR AUTISMO	(Des)Informação em saúde: o autismo no espelho da classificação	VALLE, Fernanda; SALDANHA, Gustavo	2019	Organização do Conhecimento; Classificação; Autismo.	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

DESCRITOR - BIBLIOTECA INCLUSIVA "BIBLIOTECA ESCOLAR"						
9	O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão	MARCOLINO, Maria Antonieta Ribeiro; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de	2014	BIBLIOTECA ESCOLAR. inclusão.	BIBLIOTECOLOGIA	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
10	Biblioteca escolar e os usuários especiais: o profissional da informação frente ao desafio da inclusão	MARCOLINO, Maria Antonieta Ribeiro; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de	2014	Biblioteconomia. BIBLIOTECA ESCOLAR. Inclusão Social. Usuário Especial. Bibliotecário.	BIBLIOTECOLOGIA	BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação
11	Acessibilidade em biblioteca escolar na perspectiva das políticas públicas e diretrizes institucionais do IFRO	ANTUNES, Cleuza Diogo; PIMENTA, Jussara Santos	2017	Biblioteconomia. Ciência da Informação. Disseminação da Informação. BIBLIOTECA ESCOLAR. Educação Inclusiva. Acessibilidade. IFRO. Acessibilidade em Biblioteca Escolar.	BIBLIOTECOLOGIA	Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
DESCRITOR - TECNOLOGIA ASSISTIVA						
12	Biblioteca Virtual de Soluções em Tecnologia Assistiva: como começar?	COUTINHO, K. S.; PASSERINHO, L. M.	2014	biblioteca virtual; tecnologia assistiva; inclusão laboral; pessoa com deficiência; acessibilidade digital.	BIBLIOTECOLOGIA	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
13	Promover a acessibilidade aos deficientes visuais e baixa visão à rede de bibliotecas da UNESP	STORTI, V.R.; ALMEIDA, S.M. de; OTTONI, B.L.; FANTIN, V.M.S.R.	2014	Acessibilidade. Tecnologia Assistiva. Deficiência Visual. Biblioteca Universitária (México). Universidade Estadual Paulista. Informação.	BIBLIOTECOLOGIA	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
14	Bibliotecas e bibliotecários em busca da acessibilidade	OLIVEIRA, Gabriella Domingos de; SILVA, Eliane Ferreira da	2015	Acessibilidade. Bibliotecário. Tecnologia Assistiva. Inclusão.	BIBLIOTECOLOGIA	BiblioCanto - Periódicos UFRN
15	Acessibilidade em bibliotecas: uma análise sobre disponibilidade, direito e limitações do acesso à informação na web	NASCIMENTO, Manuella Oliveira de; SILVA, Eliane Ferreira da	2015	Acessibilidade. Tecnologia assistiva. Responsabilidade social. Biblioteca acessível.	BIBLIOTECOLOGIA	BiblioCanto - Periódicos UFRN
16	A tecnologia assistiva como apoiadora no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência intelectual: contribuições da literatura	VENTURA, Lenara; VIANNA, William Barbosa; BREDIN, Jéssica	2017	Tecnologia Assistiva. Ciência da Informação	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia
17	Deficiência, acessibilidade e tecnologia assistiva em bibliotecas: aspectos bibliométricos relevantes	VIANNA, William Barbosa; PIMENTA, Adilson Luiz	2017	Tecnologia Assistiva; Biblioteca.	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Revista Comunicação & Informação. Universidade Metodista de São Paulo
18	Acessibilidade em bibliotecas: de Ranganathan à Agenda 2030	MIRANDA, Sulamita Nicolau de	2017	Tecnologia Assistiva; Biblioteca. Inclusão	BIBLIOTECOLOGIA	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
19	A tecnologia assistiva em bibliotecas públicas: uma abordagem preliminar sobre sua importância e contribuição para usuários com deficiência	WELLSCHLAGER, Danielle Silva Pinheiro; MANSINI, Eduardo José	2018	Tecnologia Assistiva. Biblioteca Pública. Bibliotecário.	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Biblionline - Periódicos UFPB
20	Estudo sobre contribuição da Ciência da Informação em pesquisas sobre Tecnologias Assistivas	SOUZA, Osvaldo de; TABOSA, Hamilton Rodrigues	2018	Tecnologia Assistiva. Ciência da Informação. Acessibilidade	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia

Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Conforme os dados coletados, localizamos 43 artigos, sendo 23 descartados por não estarem dentro da temática deste trabalho, 3 repetidos quando buscados por termos semelhantes, logo, estamos trabalhando com 17 artigos.

5. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Como observado na tabela abaixo, a temática de inclusão de pessoas autistas na Biblioteca Escolar ainda é pouco explorada, o que deixa em aberto essa temática riquíssima e necessária para pesquisas posteriores. Após o refinamento dos dados, por meio de critérios temáticos, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 1 – Quantitativo de artigos publicados na BRAPCI sobre a temática

DESCRITOR	RECUPERADOS	DESCARTADOS	REPETIDOS	UTILIZADOS
TEA	3	2	0	1
Autismo	5	1	1	3
Transtorno do Espectro Autista	4	1	2	1
Biblioteca inclusiva “Biblioteca Escolar”	3	0	0	3
Tecnologia assistiva	28	19	0	9

Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Destacamos aqui que o primeiro artigo disponibilizado na BRAPCI sobre autismo foi em 2009. Essa publicação veio da área de ciências e engenharia em Portugal, a proposta dos autores foi desenvolver um videogame que auxilie autistas no reconhecimento facial e emotivo das outras pessoas, ajudando-os a identificarem as emoções. Conforme discorrido nos capítulos anteriores, uma das dificuldades apresentadas pelo TEA são: a interação social, risos ou choros inapropriados, literalidade da fala.

QUADRO 5 – Primeira publicação sobre Autismo na BRAPCI

DESCRITOR - AUTISMO						
2	What a feeling: Aprender Expressões Faciais e Emoções	ORVALHO, Verónica; MIRANDA, José; SOUSA, Augusto	2009	Animação facial; Expressões faciais; Autismo; Videojogos.	CIÊNCIAS E ENGENHARIA	Revista de Ciência e Tecnologia de Informação e Comunicação. (Prisma.com - Portugal)

Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Com a finalidade de dar visibilidade a ações práticas sobre a inclusão de alunos autistas nas Bibliotecas Escolares e também acessibilidade por meio das tecnologias assistivas, refinamos a busca e selecionamos as principais atividades, ações e

ferramentas disponíveis na literatura aqui analisada que poderão ser expandidas para promover a inclusão de outros usuários, sendo elas:

Quadro 6 - *Propostas Inclusivas*

QUANTITATIVO	TÍTULO	AUTOR	ANO	PROPOSTAS INCLUSIVAS	ÁREA DO CONHECIMENTO
1	What a feeling: Aprender Expressões Faciais e Emoções	ORVALHO, Verónica; MIRANDA, José; SOUSA, Augusto	2009	What a feeling é um videogame cujo objectivo é melhorar a capacidade de indivíduos, social e emocionalmente diminuídos, no reconhecimento de emoções através da expressão facial. O jogo desenvolvido permite, através de um conjunto de exercícios, que qualquer pessoa de qualquer idade possa interagir com modelos 3D e aprender sobre as expressões da face. O jogo é baseado em síntese facial em tempo real.	CIÊNCIAS E ENGENHARIA
2	O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão	MARCOLINO, Maria Antonieta Ribeiro; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de	2014	Sugere a hora do conto, brincando de ator, construindo brinquedos, clube de leitura. Para treinamento e capacitação propõe o estudo do Manual de Convivência – pessoas com deficiência e mobilidade reduzida pode auxiliar no preparo desses profissionais. O manual foi elaborado pelo Instituto Mara Gabrilli, e publicado em 2010, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, contém informações sobre os diversos tipos de deficiências que as pessoas podem apresentar e como lidar com cada uma delas.	BIBLIOTECONOMIA
3	Promover a acessibilidade aos deficientes visuais e baixa visão à rede de bibliotecas da UNESP	STORTI, V.R.; ALMEIDA, S.M. de; OTTONI, B.L.; FANTIN, V.M.S.R.	2014	Esse artigo apresentou um serviço realizado em uma Biblioteca para fins de inclusão e acessibilidade. Materiais utilizados: Leitores autônomos - aparelho apresenta uma superfície de vidro na qual o material, podendo ser livros, cartazes, folhetos e afins, é inserido onde ocorre, por meio de reconhecimento de caracteres, a leitura do documento. A leitura é feita por voz sintetizada e o arquivo pode ser salvo nos formatos txt e áudio; Scanner (OCR): possibilita a digitalização e leitura de documentos impressos; Leitor portátil de livros; Lupa eletrônica: auxilia a ampliação ótica para pessoas com baixa visão; Linha Braille: reprodução em braille do que está sendo visualizado no computador e Software leitor de Tela.	BIBLIOTECONOMIA
4	Bibliotecas e bibliotecários em busca da acessibilidade	OLIVEIRA, Gabriella Domingos de; SILVA, Eliane Ferreira da.	2015	Apresentou modelos de Bibliotecas inclusivas, sendo elas: Biblioteca da Fundação Memorial da América Latina em São Paulo/SP; Biblioteca pública de São Paulo; Biblioteca pública Louis Braille - SP; Laboratório de Acessibilidade (LAB), locado na Biblioteca Central Cesar Lattes (BCCL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).	BIBLIOTECONOMIA

5	eAcessibilidade em bibliotecas: uma análise sobre disponibilidade, direito e limitações do acesso à informação na web	NASCIMENTO, Manuella Oliveira do; SILVA, Eliane Ferreira da	2015	Propõe o uso do design universal, da eAcessibilidade e as tecnologias de informação e comunicação em Bibliotecas.	BIBLIOTECONOMIA
6	Acessibilidade em bibliotecas: de Ranganathan à Agenda 2030	MIRANDA, Sulamita Nicolau de	2017	Propõe uma adaptação das cinco Leis de Ranganathan visando acessibilidade e inclusão dos usuários.	BIBLIOTECONOMIA
7	Reflexões sobre o currículo funcional/natural e o PECS-Adaptado no processo de inclusão do aluno com autismo	WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo	2017	Comunicação Alternativa (CA) quando a fala do autista não for inteligível; sistemas gráficos “Um dos programas de CA mais utilizados para pessoas com TEA é o PECS (Picture Exchange Communication System – BONDY; FROST, 1994, 2001). Conhecido como protocolo PECS, ele foi desenvolvido para crianças com autismo e com déficit severo na comunicação oral	EDUCAÇÃO
8	Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na biblioteca	SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile; FERREIRAS, Ediclea Mascarenhas	2017	Em termos de materiais, todos os formatos - vídeos, livros, jogos, brinquedos, software de computador, fantoches. Propõe que se selecionem livros acessíveis por páginas de laminação, enriquecendo com as texturas e com fotografias reais, livros esses que tratem a respeito de crianças autistas e adquiridos conforme a opinião do aluno autista. Algumas crianças com TEA estarão felizes lendo o mesmo livro repetidamente. Um professor ou bibliotecário deve reforçar os tópicos, vinculando-os a favoritos. Recursos visuais com informações como: horários de imagens dos eventos da biblioteca ou data de vencimento dos materiais, Telas de toque, Alpha inteligente e Fidgets O uso de tecnologias assistivas nos recursos informacionais visa a autonomia do indivíduo.	BIBLIOTECONOMIA
9	A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar	SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile	2018	Letramento Informacional por meio do desenho universal. Propõe o método Picture Exchange Communication System (PECS) para ensinar pessoas com distúrbios de comunicação e/ou com autismo a se comunicarem de forma funcional por intermédio da troca de figuras. Nesta atividade prática a ser desenvolvida na biblioteca, o usuário autista irá recortar e colar as figuras nos campos correspondentes ao comportamento esperado no uso do espaço. Outras atividades que poderão ser desenvolvidas com o usuário poderá ser o reconhecimento do espaço da biblioteca, os indivíduos (usuário, bibliotecário, professor, comunidade escolar) e os signos (livro, revista, computador, estante, balcão de atendimento) que estão presentes neste espaço na figura.	BIBLIOTECONOMIA

10	A tecnologia assistiva em bibliotecas públicas: uma abordagem preliminar sobre sua importância e contribuição para usuários com deficiência	WELLICH AN, Danielle Silva Pinheiro; M ANZINI, Eduardo José	2018	Apresenta um projeto de intervenção que foi efetivado em uma dissertação de Mestrado realizado em uma biblioteca pública em Lisboa. O projeto envolvia Histórias Multissensoriais (HMS), cuja abordagem pedagógica foi criada pensando em crianças e jovens com deficiências múltiplas ou com diagnósticos associados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). as HMS são opções viáveis para aquelas pessoas que não usam a fala para se comunicar, nem entendem a palavra escrita, pois foge um pouco ao formato do livro tradicional (impresso), são confeccionadas em material diferenciado e que explora o lado sensorial, apresentando em sua estrutura histórias, figuras, conteúdos curriculares em diferentes tipos de materiais.	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
11	Estudo sobre contribuição da Ciência da Informação em pesquisas sobre Tecnologias Assistivas	SOUZA, Osvaldo de; TABOS A, Hamilton Rodrigues	2018	Definem o que é tecnologia assistiva, fazendo a distinção prática entre tecnologia assistiva para auxiliar nas atividades do dia a dia e para auxiliar o uso do computador. Apontam para a possibilidade de ser utilizada o processamento de linguagem natural para a produção automatizada de resumos e textos. Reiteram uma proposta publicada anteriormente sobre a conversão de documentos hipertextos em documentos hipergeométricos, que preservam as características do original e adicionam uma funcionalidade assistiva e direcionada a deficientes visuais.	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Fonte: Dados de pesquisa (2019).

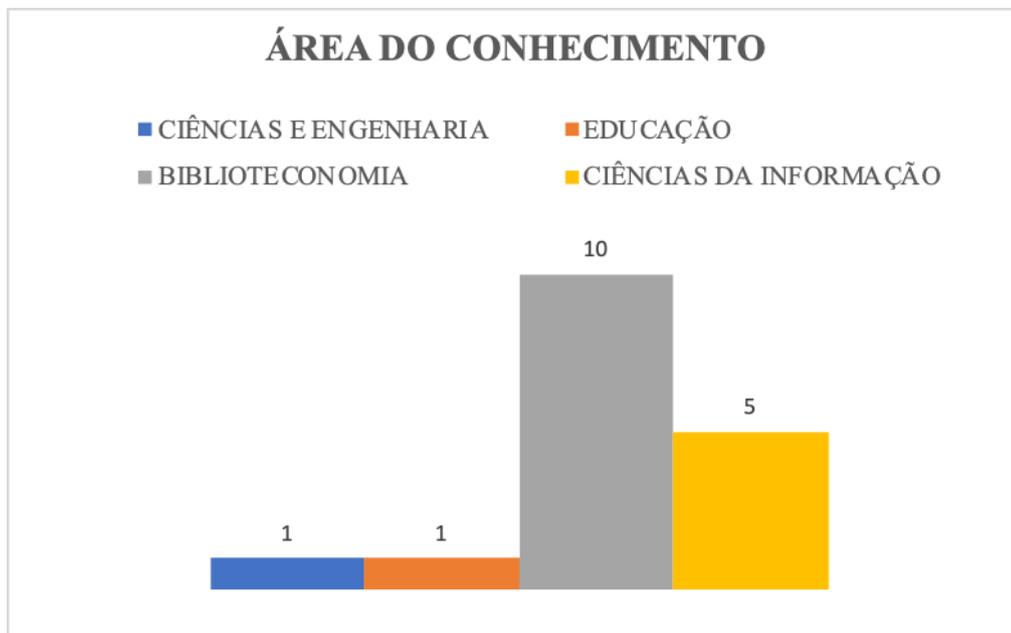
Com esses dados ficam evidentes as ações que vem sendo publicadas e efetivadas no nosso país com a intenção de promover a inclusão. Nesse levantamento, identificamos que é possível apreciar ideias e nos inspirarmos para torná-las realidade em mais Bibliotecas e centros de informação em geral. Destacamos aqui o artigo 3, no qual, a partir de demandas reais, apresentaram e criaram um grupo de discussão sobre acessibilidade e, realizaram um trabalho majestoso. As demais propostas e ações ficam como exemplo para que possamos implementar em outros locais.

É unânime a constatação entre todos os pesquisadores que produziram esses 17 artigos aqui trabalhados, sobre a baixa produtividade da Biblioteconomia e a Ciência da Informação sobre os assuntos pesquisados por eles, e aqui, utilizados dentro da temática da inclusão de alunos autistas na Biblioteca Escolar, bem como o uso efetivo das tecnologias assistivas.

Conforme investigado na BRAPCI, existem apenas 10 artigos publicados pela da

área da Biblioteconomia, 5 artigos pela Ciência da Informação e 1 de cada em Ciências e Engenharia e Educação.

Gráfico 1 – Dados por Área do Conhecimento



Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Existem pelo menos duas perspectivas para interpretar esses dados: a) criticar somente; ou b) olhar como oportunidade e desafio, fazendo desses dados um fato propulsor para se debruçar e contribuir significativamente para a sociedade, com tais desenvolvimentos científicos nestas áreas da Biblioteca inclusiva, autismo e tecnologia assistiva. Esperamos que a segunda opção seja efetivada. A inclusão precisa ser um ato intencional em nossas práticas e estudos, não somente discursiva.

No que concerne aos periódicos, constatamos que a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBBD) publicou 5 artigos, recuperados pelos descritores delimitados na metodologia deste trabalho, sendo 3 artigos em 2014 e 2 em 2017. Na tabela levantamento de dados, eles correspondem aos números 6, 9, 12, 13 e 18.

Gráfico 2 – Publicações por Periódicos



Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Verificamos ainda no artigo “(Des)Informação em saúde: o autismo no espelho da classificação” onde foi feita uma avaliação sobre a presença do TEA nos descritores, vocabulários controlados e indexação. Tanto a Classificação Decimal de Dewey (CDD) na língua inglesa e a Classificação Decimal Universal (CDU) na língua portuguesa já contemplam o Transtorno do Espectro Autista.

Após a leitura e análise dos artigos foi possível elaborar uma proposta de intervenção para a Biblioteca Escolar inclusiva. Conforme os dados coletados, identificamos um déficit nas publicações de artigos e trabalhos acadêmicos na área de Biblioteconomia na base de dados analisada sobre a temática aqui estudada: Autismo. Logo, essa temática pode ser um campo em aberto para futuras pesquisas e apontamentos. Identificamos algumas possíveis ações apresentadas pelos pesquisadores aqui citados.

5.1 BIBLIOTECA INCLUSIVA: PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES

A efetivação de uma Biblioteca inclusiva requer esforço e sensibilidade continuamente, o Bibliotecário quando compreende seu papel e reconhece sua influência na sociedade, está sempre se reinventando e criando possibilidades. Na Biblioteca Escolar não é diferente, faz-se necessário ter uma visão crítica dos processos envolvidos no âmbito educacional e fazer uso da educação continuada.

Como contribuição para a temática aqui exposta, propomos alternativas inclusivas para a inserção de alunos com TEA nas atividades da Biblioteca Escolar, conforme encontradas ao longo desta pesquisa. A primeira proposta é referente à tecnologia assistiva por meio de aplicativos que vem sendo utilizados no nosso país e em outros lugares do mundo. Elencamos abaixo alguns destes dentro de três categorias: organização da rotina, apoio à comunicação, e apoio às atividades pedagógicas:

Quadro 7 - Aplicativos para pessoas com TEA⁸

ORGANIZAÇÃO DA ROTINA
First Then -Primeiro e depois (iPhone e iPod touch)
Minha rotina especial (App Store e disponível para iPad)
APOIO À COMUNICAÇÃO
Tobii Sono Flex (iPad e iPhone e tablets com sistema operacional Android)
Livox (iPad e iPhone e tablets com sistema operacional Android)
Matraquinha (compatível com Android)
PictoTEA (compatível com Android)
Brainy Mouse (App Store e Android)
Terapia da Linguagem e Cognição com MITA (compatível com Android)

⁸ Informações retiradas do site Inspirados pelo Autismo. E do site, incrível.club.

APOIO ÀS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS
Story Creator – Criador de histórias (iPhone, iPad e iPod touch)
Desenhe e Aprenda a Escrever ((iPhone, iPad)
ABC Autismo (compatível com Android)
Aprendendo com Biel e seus amigos (compatível com Android)
Auts (compatível com Android)
Jade autismo (compatível com Android)

Fonte: Dados de pesquisa (2019).

Como observado no quadro 7 existem alguns aplicativos que podem ser utilizados como tecnologia assistiva nas escolas que dispuserem de computadores, tabletes ou outros aparelhos tecnológicos e internet, bem como uma alternativa para treinar pais e responsáveis para utilizarem em casa com a finalidade de reduzir alguns impactos do autismo nas crianças e melhorarem ainda mais no quesito interação, sociabilidade e cognição. Optamos por analisar dois aplicativos elencados nessa relação, para isso, estabelecemos como critério a usabilidade, a quantidade de acessos e pesquisas envolvidas, e optamos por trabalhar com um aplicativo gratuito e o outro pago. São eles: Livox e o Terapia da Linguagem e Cognição MITA.

De acordo com o site do aplicativo, Livox significa Liberdade em voz alta, criado pelo CEO brasileiro, Carlos Edmar Pereira o aplicativo já recebeu várias premiações. A motivação para criar o aplicativo se deu por conta de um erro médico que ocasionou em uma paralisia cerebral, de acordo com o seu pai. Ao ver a filha tentando se comunicar sem poder, ele cria o aplicativo que proporciona um sistema de inteligência artificial de ponta.

Como funciona o Livox



Inteligência artificial de ponta

Dificuldades para tocar na tela? Sem problemas! O Livox corrige o toque imperfeito! Com os olhos é mais fácil? Basta piscar que o Livox funciona! Muitos cartões em uma única tela? O Livox mostra os cartões de acordo com a hora e local. Além disso, o Livox responde quando você fala com a pessoa com deficiência e tudo isso com algoritmos reconhecidos e premiados no mundo inteiro.

Fonte: Site Livox

Por meio de uma comunicação alternativa pessoas com a fala comprometida total ou parcial, sem escrita funcional, somente através do uso de imagens ou sonorização de palavras, a comunicação é gerada. O aplicativo transforma símbolos selecionados quando tocados minimamente na tela do aparelho em falas emitidas totalmente compreensíveis. O aplicativo foi premiado como sendo o melhor aplicativo de inclusão do mundo segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Também foi vencedor da copa do mundo de tecnologia dentre outras premiações. Não foi possível encontrar valores referentes aos serviços prestados. Seu acervo é composto por quase 12mil símbolos conta ainda com o seu repertório de falas que formam frases e expressões. Atualmente estão em 11 países, disponível em mais de 25 idiomas. Abaixo é possível identificarmos uma tela do aplicativo, bem como sua logo:



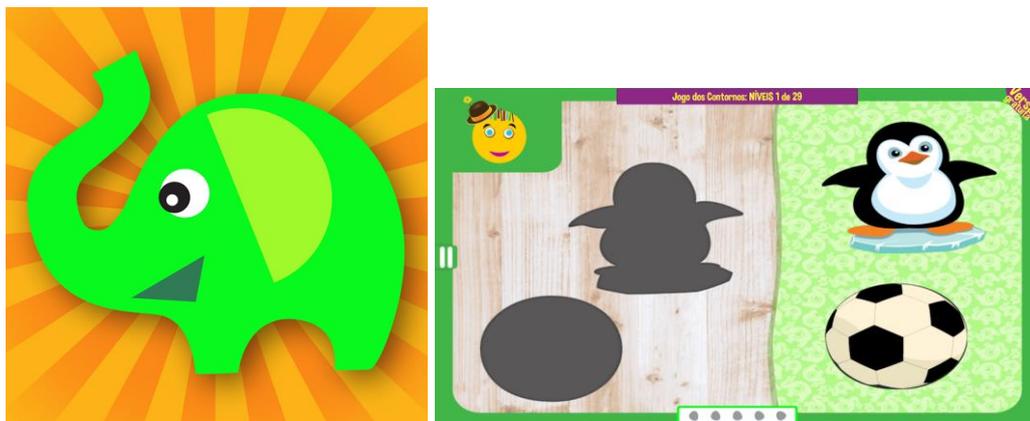
Fonte: Site Livox

Outro aplicativo que avaliamos foi o Terapia da Linguagem e Cognição MITA. Criado por uma equipe multidisciplinar composta pelo neurocientista da Universidade

de Boston Dr. A. Vyshedskiy; R.Dunn, especialista em desenvolvimento precoce infantil da Universidade de Harvard; J. Elgart; artistas vencedores de prêmios e desenvolvedores trabalhando em conjunto com terapeutas experientes, ligados ao MIT.

Disponível em uma versão gratuita, o aplicativo possui a grande vantagem de não ter anúncios, o que torna ainda mais segura a navegação das crianças. Esse aplicativo é um jogo com exercícios interativos que ajudam a criança com TEA a desenvolverem habilidades comprometidas no processo de aprendizagem na primeira infância. De acordo com as descrições do aplicativo disponíveis no Google play, o aplicativo é usado atualmente por mais de 1 milhão de crianças com TEA.

O aplicativo é bem simples e fácil de usar, basta baixá-lo, preencher os campos solicitados: e-mail, mês de aniversário da criança, ano do nascimento, diagnóstico atual (opcional) e o sexo da criança. Todas essas informações ficam privadas, de acordo com o aplicativo. Disponível em pelo menos 12 línguas, dentre elas o português do Brasil. O aplicativo personaliza o jogo adequado para cada faixa etária. Abaixo veremos a logo do aplicativo e, a interface.



Fonte: aplicativo MITA.

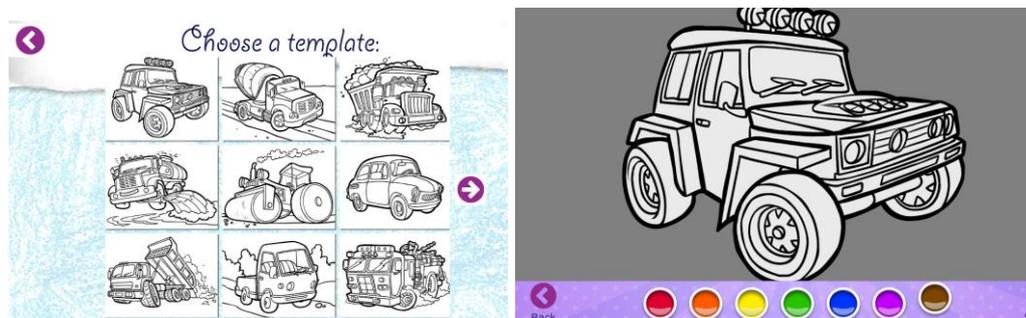
A cada fase avançada, surge um novo desafio. Os desafios então classificados entre: fácil, intermediário e avançado. No nível fácil temos jogos relacionados formas, cores, padrões, combinações de objetos. No nível intermediário temos as operações básicas da matemática, identificar erros em algumas imagens, juntar dois objetos em uma mesma figura. No nível avançado é verificada a interpretação na estrutura sintática, desenvolver memória auditiva, preposições espaciais, memória, padrões para desenvolver habilidades de lógica e raciocínio. É possível fazer um tour por todos os jogos. Essa figura acima representa o jogo dos contornos – nível 1,

a ideia é a criança associar o formato da imagem ao contorno do lado oposto e, assim, arrastar a imagem até o contorno. Quando isso acontece o *emoji* amarelinho aciona um reforço positivo “parabéns, bom trabalho, estou orgulhosa de você, sensacional” dentre outros reforços e passa para o próximo desafio. O aplicativo também recomenda que a criança realize o percurso diário dos jogos e seja recompensada com a “a hora do brincar” logo em seguida. Ele mesmo faz essa pausa, veja a tela que surge logo após o percurso ter sido completado:



Fonte: Aplicativo MITA

A criança tem três opções para brincar durante alguns minutos. Clicando na opção cantinho da arte, apareceram algumas opções de pintura, uma delas foi “Choose a template” como está na figura.



Fonte: Aplicativo MITA

Alguns desafios também envolvem percepções de cores, formatos e linguagem, para a criança associar corretamente o que se pede. Caso ela venha a errar, a imagem simplesmente não encaixa, e ela pode perceber que está colocando alguma peça errada, pois além de não encaixar o *emoji* faz uma carinha de triste (ótima oportunidade para explicar sobre emoções, e expressões faciais).

Uma observação importante: as tecnologias assistivas, a exemplo desses aplicativos citados acima, não são entretenimentos com um fim em si mesmo, vazios de significados e intenções. Pelo contrário, eles possuem uma finalidade clara com princípios educativos, de aperfeiçoamento e deve levar a criança a compreender minimamente alguns temas relevantes para a sua faixa etária. Logo, o recomendado é que crianças estejam acompanhadas por adultos durante essas atividades e, didaticamente, lhes sejam explicados o que ela está fazendo. O aplicativo MITA apresenta um recurso que, possivelmente, seja para identificar a presença de um adulto:



Outro recurso que pode ser utilizado para propiciar a inclusão na Biblioteca Escolar são os livros sensoriais. Eles podem ser produzidos ou comprados em diversos materiais tais como, e.v.a, feltro, tnt, cartolina, tecido, madeira etc. É comum algumas pessoas que estão dentro do TEA terem hiposensibilidade (não tem muita noção de perigo, pode gostar de abraçar constantemente as pessoas, pode não se importar quando suja parte do corpo), ou hipersensibilidade (seletividade alimentar, a etiqueta da roupa ou tipo de tecido pode causar grande incômodo), e essas atividades sensoriais são reguladoras desses extremos.

A música também é uma grande aliada para inclusão desses alunos, a musicoterapia, que é a técnica da terapia por meio da música, só pode ser realizada por um profissional musicoterapeuta, mas enquanto recurso de ludicidade para uma contação de história, por exemplo, é uma ótima ferramenta. A fonética das palavras durante uma mediação de leitura também atrai esse público. A leitura em voz alta é um recurso muitas das vezes esquecido, mas o hábito de ler em voz alta com entonações corretas, respeitando a fonética das letras é um grande aliado para uma bela contação de história ou leitura mediada.

Ainda sobre a Biblioteca, é imprescindível que o espaço físico dela seja convidativo e adequado para receber todos os usuários. Como as pessoas autistas costumam ser literais e atraídas pelo contato visual, é interessante sinalizar a Biblioteca com um quadro de rotinas, onde será exposto o horário de funcionamento da Biblioteca, bem como do início das aulas, recreio/intervalo, e término das aulas. Caso algum aluno esteja utilizando a Biblioteca dentro do horário de aula, ficará mais fácil apontar para algo concreto como um organizador de rotina e fazê-lo entender que ele está descumprindo os horários da escola, caso não tenha sido autorizada a sua saída de sala.

Quanto ao uso dos computadores, é sempre bom deixar visíveis as normas de uso para tentar evitar algum tipo de dubiedade na informação. O mesmo vale para empréstimo e devolução de material. Pode ser feito também uma espécie de guia mostrando o passo a passo com ilustrações do empréstimo para facilitar a compreensão do funcionamento da Biblioteca e evitar que o material seja devolvido nas prateleiras sem que se tenha devolvido no sistema.

6 CONCLUSÃO

Nessa pesquisa buscamos identificar o que o Bibliotecário e outros profissionais vem produzindo sobre a inclusão de usuário com Transtorno do Espectro Autista na Biblioteca Escolar. Desse modo, tivemos como finalidade investigar publicações na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) sobre Autismo, TEA, Transtorno do Espectro Autista, Biblioteca Inclusiva “Biblioteca Escolar” e Tecnologia Assistiva. Levamos em consideração a delimitação temporal da própria base, na tentativa de recuperar o máximo possível de publicações sobre essa temática.

Conforme o objetivo geral destacado ao longo deste trabalho, analisamos a literatura científica voltada às ações de inclusão na Biblioteca Escolar como também o transtorno do espectro autista (TEA) na BRAPCI e identificamos possibilidades de atuação bibliotecária com esses usuários. Alcançamos os objetivos específicos identificando ações inclusivas em ambientes educacionais ao aluno com TEA; descrevemos o papel da Biblioteca Escolar na inclusão educacional; caracterizamos a atuação e formação do Bibliotecário no aspecto da inclusão e propomos ao final deste trabalho ações práticas de atuação bibliotecária voltado para alunos com TEA.

No percurso metodológico, para a investigação da temática, fizemos uso da revisão sistemática da literatura e analisamos os dados encontrados por meio da análise temática. Verificamos que a primeira publicação sobre autismo na BRAPCI foi em 2009 por pesquisadores da área de Ciências e Engenharia. Constatamos a baixa produtividade sobre esse assunto na área da Biblioteconomia e na Ciência da Informação. Refinamos os dados investigando qual periódico publicou mais artigos, bem como quais ações concretas foram propostas para a inclusão desses alunos. A Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBD) obteve mais artigos publicados sobre essa temática na BRAPCI.

Em virtude dos dados levantados, mencionamos 14 aplicativos como alternativa de tecnologia assistiva para usuários dentro do TEA, mas não somente estes. Propusemos o uso do livro sensorial para ajudar a diminuir a hiposensibilidade e hipersensibilidade, além de ser uma ferramenta lúdica e interativa; indicamos a musicalização para agregar nas contações de histórias e atrair o público autista, usando a fonética na vocalização das palavras durante a leitura em voz, momentos de mediação literária. E, por último, sugerimos a exploração visual da Biblioteca, em seu espaço

físico, com sinalizações pertinentes para usuários autistas.

A partir desta pesquisa, podemos sugerir como pesquisas futuras um estudo de caso aplicado a uma Biblioteca Escolar da nossa cidade, com o objetivo de analisar a inclusão de alunos autistas na Biblioteca; é possível ainda expandir uma pesquisa de revisão bibliográfica na literatura em outros países e outras bases de dados; investigar a existência de pós graduações voltadas para ações de intervenção com autistas no ambiente escolar; fazer um levantamento curricular nos cursos de Biblioteconomia do nosso país afim de identificar disciplinas voltadas a inclusão e capacitação de futuros Bibliotecários dentre outras.

Esse trabalho pretendeu suscitar interesse na temática e exploração dela, tendo em vista que os dados comprovaram que é um campo em aberto para ser pesquisado. A educação continuada e a interdisciplinaridade são caminhos que temos que percorrer para alcançar com eficácia o desafio da inclusão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. D.; PIMENTA, J. S. Acessibilidade em Biblioteca Escolar na perspectiva das políticas públicas e diretrizes institucionais do ifro. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 22, n. 3, p. 564-580, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/77035>. Acesso em: 11 set. 2019.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. A nova classificação americana para os transtornos mentais: o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v.16, n. 1, p. 67 – 82, 2014. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/659/406>. Acesso em: 21 mar.2019

ASSOCIAÇÃO PSIQUIATRICA AMERICANA. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

ASSUMPÇÃO JR., F.B. Conceito e classificação das síndromes autísticas. In: SCHWARTZMAN, J. S; ASSUMPÇÃO JR., F.B. **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 1995.

BENTO, A. (2012, Maio). Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. *Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)*, nº 65, ano VII (pp. 42-44). ISSN: 1647-8975.

BOSA Cleonice Alves. As relações entre autismo, comportamento social e função executiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.14, n.2, p.281-287, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n2/7855.pdf>. Acesso em: 05 Mar. 2019.

BELIZÁRIO FILHO, José; LOWENTHAL, Rosane. A inclusão escolar e os transtornos do espectro do autismo. In: SCHMIDT, Carlos (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

COUTINHO, K. S. Biblioteca virtual de soluções em tecnologia assistiva: como começar?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. Especial, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1823>>. Acesso em: 11 set. 2019.

_____. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 ago. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm. Acesso em: 17 Mar. 2019.

FERRARI, Pierre. *Autismo Infantil: o que é e como tratar*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FURTADO, M. M. F. D. Bibliotecas acessíveis na construção de uma sociedade mais justa. **Bibliocanto**, v. 1 n. 1, n. 1, p. 16-30, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/120240>. Acesso em: 11 set. 2019.

IFLA. Diretrizes da IFLA para Biblioteca Escolar. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em 19 jun. 2019.

Lei n.º 12.764, de 27 de novembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 2012.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. *O Reizinho Autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis*. São Paulo: nVersos, 2018.

GALVÃO FILHO, Teófilo. [Et al]. *Tecnologia Assistiva nas escolas: recursos básicos de acessibilidade sócio-digital para pessoas com deficiência*. São Paulo: Instituto de tecnologia social, 2008.

_____. **Portaria nº555, de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007**. Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

MARCOLINO, M. A. R.; CASTRO FILHO, C. M. O Bibliotecário na Biblioteca Escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. Especial, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1278>. Acesso em: 11 set. 2019.

MIRANDA, S. N. Acessibilidade em Bibliotecas: de ranganathan à agenda 2030. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1669-1683, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/2534>. Acesso em: 11 set. 2019.

NASCIMENTO, M. O.; SILVA, E. F. Eaccessibilidade em Bibliotecas: uma análise sobre disponibilidade, direito e limitações do acesso à informação na web.. **Bibliocanto**, v. 1 n. 1, n. 1, p. 45-67, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/120247>. Acesso em: 11 set. 2019.

ORVALHO, V.; MIRANDA, J.; SOUSA, A. What a feeling: learning facial expressions and emotions. **Prisma.com (Portugual)**, n. 10, p. 159-169, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/68252>. Acesso em: 11 set. 2019.

PETRY, Marcos. Diário de um Autista. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCbhT_vtlwr7X2wG6q_0mWVQ. Acesso em: 22 mar.2019.

SANTOS, M. P.; DINIZ, C. N. A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na Biblioteca Escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 23, n. 1, p. 92-106, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76009>. Acesso em: 11 set. 2019.

SANTOS, M. P.; DINIZ, C. N.; FERNANDES, E. M. Acessibilidade informacional para usuários com transtorno de espectro autista na Biblioteca. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 1863-1882, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4337>. Acesso em: 11 set. 2019.

SOUZA, O.; TABOSA, H. R. Estudo sobre contribuição da ciência da informação em pesquisas sobre tecnologias assistivas. **Comunicação & Informação**, v. 21, n. 1, p. 70-88, 2018. DOI: 10.5216/ci.v21i1.45987. Acesso em: 11 set. 2019.

STORTI, V. R.; ALMEIDA, S. M.; OTTONI, B. L.; FANTIN, V. M. S. R. Promover a acessibilidade aos deficientes visuais e baixa visão à rede de Bibliotecas da unesp. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. Especial, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4497>. Acesso em: 11 set. 2019.

VENTURA, L.; VIANNA, W. B.; BEDIN, J. A tecnologia assistiva como apoiadora no processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência intelectual: contribuições da literatura. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 12, n. 2, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n2.35613 Acesso em: 11 set. 2019.

VALLE, F.; SALDANHA, G. S. (des)informação em saúde: o autismo no espelho da classificação. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122500>. Acesso em: 18 nov. 2019.

VIANNA, W. B.; PINTO, A. L. Deficiência, acessibilidade e tecnologia assistiva em Bibliotecas: aspectos bibliométricos relevantes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 2, p. 125-151, 2017. DOI: 10.1590/1981-5344/2951 Acesso em: 11 set. 2019.

WALTER, C. C. F. Reflexões sobre o currículo funcional/natural e o pecs-adaptado no processo de inclusão do aluno com autismo. **Inclusão Social**, v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/72558>. Acesso em: 11 set. 2019.

WELLICHAN, D. S. P.; MANZINI, E. J. A tecnologia assistiva em Bibliotecas públicas: uma abordagem preliminar sobre sua importância e contribuição para usuários com deficiência. **Biblionline**, v. 14, n. 4, p. 83-90, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4775.2018v14n4.42021 Acesso em: 11 set. 2019.